

27/07/96

ARTIGO

O Proer e a habitação

ROBERTO CAPUANO
Especial para o **Diário**

Saudades de Sergio Porto e de seu Febeapá. Seu samba do crioulo doido teria material hoje para uma ópera. No Brasil, quem decide sobre a área habitacional é o Banco Central. Silenciosamente, autorizou os agentes financeiros a reduzir seus financiamentos. Algo parecido como perguntar para macaco se quer banana. Nossas instituições financeiras gastam fortunas para captar depósitos de poupança e, quando conseguem, utilizam o dinheiro para tudo, menos para financiar habitações, alegando que "dá prejuízo". Mas fez mais o nosso Banco Central. Além de reduzir os recursos, aumentou o limite dos financiamentos para R\$ 90 mil para a compra de imóveis de até R\$ 180 mil. Um valor que, por mera coincidência, é similar aos preços de um futuro megalançamento que deverá ocorrer por estes dias, com um grande banco e fundos de pensão no negócio.

Um financiamento do SFH em oito anos exige uma renda familiar de R\$ 9 mil por mês, salário típico de nossa classe média, como todos nós sabemos. Também é público e notório o déficit habitacional de imóveis até R\$ 200 mil,

com famílias sendo obrigadas a deixar o terceiro ou o quarto carro da família na rua, e a acotovelar-se em exíguos 150 m² de área útil. Crianças perdendo a hora da escola, pelo congestionamento dos banheiros, a falta que faz a terceira suite..., prédios antigos sem piscina e sem salão de festas. Enfim, transtornos gigantescos.

Enquanto isso, o pessoal de baixa renda não pode se queixar. Os mais espertos já estão até ganhando quase de presente apartamentos no lugar de barracos que construíram nos terrenos que invadiram. Na favela não há IPTU, não se paga 10% para passar uma escritura, a segurança é garantida pelos traficantes que servem como ótimo exemplo para as crianças, os barracos são bem ventilados, dispensando o ar-condicionado, e na área de construção civil as facilidades são imensas. Não há projeto, aprovação de planta, nada disso.

Os barracos aproximam a família. As crianças, os pais, os avós e as tias dormem juntos, compartilhando o convívio familiar estreitamente, sem as dificuldades que as casas grandes oferecem, onde cada filho fica em seu quarto, sem poder conviver com seus parentes como deveria. Como se vê, o Banco Central enxerga longe na área

habitacional, e meros detalhes, como aluguéis caríssimos, não influenciam seus especialistas. Além disso, a redução do volume de recursos para a habitação tem um motivo nobre. Esse dinheiro foi destinado para cobrir os rombos que alguns bancos têm sofrido. Temos de ajudar os banqueiros, um dos pilares da instituição democrática neste momento difícil, com taxas de juros baixíssimas, que de forma alguma remuneraram seus investimentos.

Se não tivermos bancos, onde vamos guardar o dinheiro, com este monte de ladrões soltos por aí? Quem mais vai nos negar os empréstimos nos mostrando a realidade da vida quando mais precisamos? É a disciplina cívica das filhas, que rejuvenescem nossos aposentados e mostram a importância do cultivo da paciência aos nossos jovens? Só porque um banqueiro quebrou ele vai deixar de ter sua mansão, seu iate, sua casa em Paris, sua coleção de Rolls Royce? Apenas porque uma meia dúzia enfrenta probleminhas de moradia. Parafraseando Justo Veríssimo, "parabéns Banco Central".

●ROBERTO CAPUANO é presidente do Creci-2ª Região